

# A PROCURA DA IDENTIDADE DAS POPULAÇÕES LATINO-AMERICANAS

## THE SEARCH FOR IDENTITY OF LATIN AMERICAN POPULATIONS

Rosa de Lourdes Aguilar Verástegui<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é observar o problema do racismo na América-latina, Para isto fazemos uma observação dos antecedentes históricos, passando por o modelo moderno da identidade civilizada ideal, do homem branco, europeu, cristão, que não considera a população negra nem indígena. E por último, fazemos uma proposta da filosofia da libertação que traz uma reflexão crítica sobre o significado da identidade latino-americana, resgatando suas variedades culturais. A metodologia é bibliográfica e temos como principais referenciais: Eduardo Galeano (2000), Enrique Dussel (2009) e Stuart Hall (2006). A temática justifica-se porque estamos vivenciando uma forte mudança nos fatos políticos da América-latina, com a presença de representantes presidenciais de origem indígena, por primeira vez na República, que foram eleitas democraticamente e que levam suas propostas reivindicativas, as quais devem ser analisadas.

**Palavras-chave:** Racismo, Diversidade Cultural, Filosofia da Libertação.

**Abstract:** The objective of this work is to observe the problem of racism in Latin America, For this we make an observation of the historical antecedents, passing through the modern model of the ideal civilized identity, of the white, European, Christian man, who does not consider the black population nor indigenous. Finally, we propose a philosophy of liberation that brings a critical reflection on the meaning of Latin American identity, rescuing its cultural varieties. The methodology is bibliographical and we have as main references: Eduardo Galeano (2000), Enrique Dussel (2009) and Stuart Hall (2006). The theme is justified because we are experiencing a strong change in the political facts of Latin America, with the presence of presidential representatives of indigenous origin, for the first time in the Republic, who were democratically elected and who take their claims proposals, which must be analyzed.

**Keywords:** Racism, Cultural Diversity, Philosophy of Liberation.

### ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A reflexão sobre o racismo ajuda a desenvolver uma nova visão e postura diante da cultura latino-americana, capaz de denunciar as injustiças econômicas e sociais, além de reivindicar o respeito às manifestações culturais próprias. A discriminação cultural e

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos pela Universidade Estadual de Londrina (CEP/UEL). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Filosofia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos - (UNMSM/PERU). E-mail: rosaguilar@uel.br

a segregação racial são manifestações fortemente arraigadas na América Latina e elas tem origem econômico, como manifesta Ianni (1978):

Em boa parte, a lógica da discriminação racial guarda alguma congruência com a lógica das relações de produção. E claro que uma e outra não são perfeitamente harmônicas entre si. Mas é inegável que a maioria dos desempregados são membros das raças subalternas; que os membros destas raças, mesmo que empregados, participam em menor escala do produto do trabalho social; que, nas classes médias e dominantes, os membros das raças subalternas são menos visíveis, mais raros ou mesmo totalmente ausentes (IANNI, 1978, p. 134).

A principal reivindicação dos povos dominados e herdeiros da colonização do S. XVI é a igualdade de tratamento, que a modernidade prometeu através do contrato social e que atualmente as teorias liberais continuam afirmando, e não respeitando. Os povos colonizados reagiram tentando preservar sua religião, idioma, cultura e nas lutas emancipatórias o fator racial era uma das reivindicações.

Os cronistas relatam guerras, sublevações e até suicídios como forma de resistência diante da dominação colonial. Inicialmente a exploração da população conquistada era na mineira e no campo agrícola. A extração de metais preciosos converteram a população indígena, sobretudo, em um proletariado indireto da economia europeia. Sendo que "a ficção da legalidade amparava o índio; a exploração da realidade o dessangrava" (GALEANO, 2000, p. 41) porque as Leis das Índias possuíam decretos proibindo que os direitos dos nativos sejam lesados, mas que não eram cumpridos.

A economia colonial latino-americana valeu-se da maior concentração de força de trabalho até então conhecida, para tornar possível a maior exploração de riqueza com que jamais contou qualquer civilização na história mundial. E nestes trabalhos exaustivos, muitos trabalhadores reivindicavam nos tribunais sua condição de mestiços para não entrar neste abuso laboral da mineira, que reduzia o tempo de vida produtiva de 4 a 6 anos, saindo da atividade mineira para morrer (GALEANO, 2000).

Apesar que muitos povos conseguiram sua independência e viraram nações, esta nova condição política não beneficiou à população negra e indígena, que depois de ter lutado pela independência foi traída. Os donos da terra continuavam sendo a população branca, decedentes americanos dos antigos colonizadores. Nestas condições, o distanciamento econômico entre as novas classes sociais instauradas em América Latina seguia crescendo, como a pobreza das classes populares (GALEANO, 2000).

A filosofia da libertação considera à modernidade como um fator que estabeleceu, legitimou e até legalizou a discriminação e a exploração. Mas, acreditamos

que é necessário rever a proposta ética e observar os erros, para tentar retificar. E observar que a declaração de igualdade, liberdade e fraternidade se converteu em uma utopia inalcançável, desde que o ponto de partida era uma universalidade ideal. De fato, a declaração universal dos direitos humanos só foi estabelecida para alguns, só para aqueles que estavam em situação privilegiada.

A crítica à colonização e ao imperialismo é um esforço que se vem desenvolvendo desde os anos sessenta. Como observa Nájera (2018), as críticas econômicas e de dominação social foram surgindo e não se questiona o status epistemológico do discurso, mantendo inalterada a hegemonia de Ocidente, que é quem estabelece o critério de verdade e validade. Isto indica a necessidade de construir argumentos anticoloniais mais críticos, para conseguir fazer uma decolonização dos saberes.

Nas colônias, as chamadas manifestações visíveis sempre eram registradas como revoltas reclamos e distúrbios; porém no discurso oficial, estes fatos eram descritos como problemas locais de negros ou índios. Atualmente as lutas são por ter direitos epistêmicos, a luta é por ter reconhecida e respeitada a cultura própria e para que a educação vem desenvolvendo desde os anos sessenta (NÁJERA, 2018).

Observamos que é importante estabelecer uma razão crítica, que ressalte o pensamento latinoamericano autêntico e não como nota de rodapé dos autores europeus. Se o pensamento filosófico europeu incluía nossa existência e realidade latino-americana dentre suas argumentações e reflexões, seria quase uma união de esforços, mas, as poucas vezes que filósofos europeus se referem a América Latina marcam uma distância com fronteiras infranqueáveis entre essas duas realidades (SANTOS, 2018).

Na história da América-latina, nos deparamos que os pensadores latino-americanos de início da colônia identificaram-se como europeus acidentalmente nascidos em América, e viam os nativos como uma cultura alheia a eles e a sua identidade. A civilização vinha de Europa e a barbárie surgia de América. E assim encontramos que Domingo Sarmiento<sup>2</sup>, no livro, expressa

Que futuro aguarda México, Peru, Bolívia e outros estados sul-americanos que têm ainda viva nas entranhas, não digeridas, as raças selvagens ou bárbaras indígenas que absorveram a colonização e que

---

<sup>2</sup> Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) político, escritor, docente, jornalista, militar e estadista argentino; governador da província de San Juan, presidente da Nación Argentina entre 1868 e 1874, senador nacional e ministro do Interior.

conservam obstinadamente suas tradições dos bosques, seu ódio pela civilização, seus idiomas primitivos e seus hábitos de indolência e de repugnância desdenhosa contra o vestido, o asseio, as comodidades e os usos da vida civilizada? Quantos anos, ou séculos, para levantar aqueles espíritos degradados à altura de homens cultos e dotados de sentimento de sua própria dignidade? (SARMIENTO, 2011, p. 50, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Sarmiento, conhecido como “o primeiro educador da América”, influenciará as propostas educativas do início da República. Ele está convencido que as culturas nativas de América são selvagens e constituem um obstáculo para o projeto civilizatório de América Latina. Este autor sempre tem um olhar em países europeus e em Estados Unidos e estava aflito pela distancia entre a cultura dos indígenas e sua resistência à cultura europeia. E no desejo positivista de civilizar América Latina, tentou-se erradicar a cultura da população indígena, como esta empreitada foi inútil, a única forma de evitar uma chamada "contaminação cultural", foi isolando estas comunidades ou ignorando sua existência.

## **A POPULAÇÃO NÃO-BRANCA E SUA RESISTÊNCIA**

A ideologia racista cria um senso comum na população, que não precisa ler Hegel<sup>4</sup>, nem Buffon<sup>5</sup>, nem nenhum intelectual que justifica o racismo, para acreditar que a natureza do Novo Mundo era inferior à Eurásia. Esta ideia foi difundida por parte de políticos, religiosos e acadêmicos em geral, e explicavam assim a precária condição da população indígena e negra. A argumentação racista foi ganhando adeptos até converter-se em um senso comum, e assim até os discriminados passaram a creditar nela.

Para manter uma ordem econômica de exploração, era necessário criar toda uma ideologia que justifique o racismo. Assim entendemos a Eric Williams (2012) quando

---

<sup>3</sup> ¿Qué porvenir aguarda a México, a Perú, Bolivia y otros estados sudamericanos que tienen aún vivas en sus entrañas, como no digerido alimento, las razas salvajes o bárbaras indígenas que absorbió la colonización y que conservan obstinadamente sus tradiciones de los bosques, su odio a la civilización, sus idiomas primitivos y sus hábitos de indolencia y de repugnancia desdenhosa contra el vestido, el aseo, las comodidades y los usos de la vida civilizada? ¿Cuántos años, si no siglos, para levantar aquellos espíritus degradados a la altura de hombres cultos y dotados del sentimiento de su propia dignidad? (SARMIENTO, 2011, p. 50)

<sup>4</sup> O filósofo alemão G.W.F. Hegel (1770-1831) diviniza a ideia europeia conquistadora e dominadora desde sua expansão imperial no século XV.

<sup>5</sup> Georges Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788) naturalista, botânico, biólogo, matemático e escritor francês, que influenciou Diderot, Lamarck, Cuvier e Darwin.

afirma que, a escravidão não nasceu do racismo: pelo contrário, o racismo foi a consequência da escravidão. Porque a situação de pobreza, tanto da população negra como da indígena, tem explicações econômicas de uma injusta distribuição das riquezas naturais e da usurpação das propriedades dos donos originais.

Na América-latina, a população branca obviamente se beneficiava com esta discriminação e quando tinha que contratar trabalhadores, sobretudo de serviço doméstico, era à população indígena ou negra que recorria. No senso comum, a associação destas etnias com uma condição inferior ou de servidão contribuiu para a criação de categorias raciais. E estamos vivenciando atos de racismo, de discriminação, de violência, sendo que estamos num mundo que alardeia ter alcançado uma capacidade sem precedentes de melhorar as condições humanas, através do desenvolvimento racional plasmado na ciência, na técnica e na tecnologia. Como anota Mendes (2003),

A ciência glorifica o poder dos conhecimentos para fins de consumo. Não se pode negar os avanços extraordinários já alcançados e a velocidade vertiginosa com os quais eles foram aproveitados pelo mundo da tecnologia, mas, ao mesmo tempo, não se pode esquecer o fato de que a ciência não foi capaz de pôr fim à destruição do meio ambiente e da biodiversidade. O desenvolvimento de um campo de estudo tal como a biotecnologia, a engenharia genética, e a controvérsia em torno da legitimidade da eutanásia, obrigam-nos a nos inclinar para a bioética (MENDES, 2003, p. 224)

Num mundo que se notabiliza pelo contínuo crescimento científico, tecnológico e cultural, o racismo constitui uma manifestação de barbárie, uma estagnação moral, e o domínio da ignorância. A xenofobia ou, mais particularmente, o etnocentrismo que surgiram na época do nacionalismo desenfreado, manifestam um ressurgimento quando em épocas de crise imigrantes de países em guerra, com crise econômica solicitam refúgio e migram a outros países, como é o caso de habitantes de Haiti, Venezuela, Síria etc. (SANTOS, 2018).

O filme “Estados Unidos vs. Billy Holliday”, (The United States vs. Billie Holiday) de 2020, mostra o papel da cantora, como mulher negra americana, que sofre perseguição ao querer interpretar a canção “a fruta estranha”, que faz alusão às torturas dos negros que são pendurados nas árvores. A violência contra a população negra era comum e a organização Ku Klux Klan espalhava o terror. A canção que é um dos maiores hinos contra o racismo é "fruta estranha" (Strange Fruit),

Árvores do sul dão uma fruta estranha, Sangue nas folhas e sangue nas raízes, Corpos negros balançando na brisa do sul, Frutas estranhas penduradas nos álamos.

Cena pastoril do heroico sul, os olhos inchados e a boca torcida, Perfume de magnólias, doce e fresco, E de repente o cheiro de carne queimada.

Aqui está a fruta para os corvos puxarem, para a chuva recolher, para o vento sugar, para o sol apodrecer, para a árvore pingar. Aqui está a estranha e amarga colheita.

Esta música foi cantada por Billie Holliday e lhe custou uma perseguição e acusações que a levaram a um ano de prisão. A letra não insultava à população branca, só fazia evidente a dor da população negra, que era obrigada a presenciar as chacinas em um silenciado cúmplice dos crimes da "supremacia branca. E de maneira poética e crua descrevem a situação a qual as vítimas do Ku Klux Klan foram transformadas.

Uma canção pode representar não só o fato, senão a dor das vítimas e seus familiares. Esses eventos eram premeditados e aconteciam com a trivialidade que se organizam as manifestações políticas. Essas massacres cobardes mantinham no anonimato aos criminosos, os quais se escondiam na sombra e saiam, depois de cometida a barbárie, a expectar como o publico morboso, os desfeitos do crime. Este cruel espectáculo fazia as vezes de espectáculo o circo do povo.

Se por um lado, a população negra, sobretudo em Estados Unidos é evidentemente discriminada. Por outro lado, a população indígena em Latino-américa desde a época da colônia sofre uma discriminação velada, porque existem leis que protegem sua dignidade, mas o forte preconceito que existe pela cultura nativa, a exclui, e a isola.

A discriminação racial pode observar-se nas recentes eleições de Pedro Castillo no Peru, quem como o Evo Morales da Bolívia representa uma população indígena, que ha sobrevivido à discriminação e exploração. As comunidades rurais, indígenas na América Latina, vivem isoladas e mantém uma certa polarização com as populações das cidades capitais, nas quais as tradições e usos ancestrais perdidas porque albergam muitas regiões e nacionalidades. E também porque o passaporte para ser aceito nas cidades capitais é esquecer os usos e costumes rurais, que só denotam atraso e ignorância.

As Repúblicas latino-americanas empobreceram a sua população indígena, levando sua condição muitas vezes à miséria. Esta população está estabelecida na região

rural, com hábitos agrários, por isso a terra é sua vida, seu sustento. Todas as revoltas, todas as tempestades do índio, foram afogadas em sangue desde o período colonial.

No Peru, a região andina é habitada principalmente por índios, que possuem terras empobrecidas pelos resíduos das mineradoras. Nas minas, os trabalhadores têm pagamentos insignificantes, a insalubridade é completa, e os acidentes de trabalho contínuos. Além da minaria existe a agricultura, trabalhada de forma muito primitiva. A miséria agrária os condena às minas ou a abandonar seu povoado e migrar para a cidade grande, nos chamados assentamentos humanos, sem água encanada, luz nem esgoto.

A propagação das idéias socialistas no Peru resultou em um forte movimento de reivindicação indígena. A população indígena começa a dar sinais de uma nova consciência. Pela primeira vez, o Governo foi forçado a aceitar e proclamar os pontos de vista indígenas, ditando algumas medidas que não tocam os interesses das elites. Pela primeira vez, o problema indígena, antes encoberto pela retórica das classes dominantes, se coloca em seus termos sociais e econômicos, identificando-se antes de tudo com o problema da terra.

Nas eleições presidenciais peruanas de 2011, a canção símbolo da resistência indígena peruana foi "Flor de Retama":

Onde vida  
 Fica mais frio do que a própria morte  
 Taita Inti queima indignada  
 As grandes neves derretem  
 E os grandes lagos começam a encher  
 A grande barragem ainda está por vir  
 Para enterrar mundos que oprimem  
 E na nova terra; a Retama vai florescer  
 E então as palmas que soam  
 Ta Ta ta  
 Onde o sangue do povo,  
 Lá, ele derrama;  
 Onde o sangue do povo,  
 Lá, ele derrama;  
 Bem ali floresce  
 Flor de Retama amarela,  
 Amarelo amarelado  
 Flor de Retama.

Esta canção teve um impacto forte para identificar à população andina peruana nas eleições de 2011. Aqueles que ousavam cantar eram rotulados de “terroristas”,

criando um estigma entre a população "criolla"<sup>6</sup>, cristã e conservadora dos centros urbanos. E criou-se uma campanha contra a insolência da população ignorante e terrorista que ousa aspirar à presidência do país. E a campanha antiterrorista da direita teve um efeito contrário, saindo por primeira vez na conservadora política peruana, um maestro rural e líder das rondas camponesas.

Mas, o curioso do preconceito é que a população urbana, mesmo de ascendência indígena ou mestiça, combatia a população rural que preserva sua música e costumes ancestrais. O racismo não era unicamente étnico/biológico senão fortemente cultural.

Diante do problema da população indígena, como diz José Carlos Mariátegui, deve ter uma solução social e ter à própria população atuando nesta solução. Por isso, se faz imprescindível convocar a autênticos congressos indígenas das várias regiões. Porque seus protestos sempre foram regionais, eles nunca se viram representados por políticos nem partidos.

## **CONTRA O RACISMO E NA PROCURA DE UMA IDENTIDADE**

Nos anos 60 surge a Filosofia da Libertação que propõe uma visão própria da cultura latino-americana, na tentativa de ajudar aos indivíduos oprimidos para que consigam seu desenvolvimento, isto é sua liberdade cultural, a partir da sua própria cultura e realidade social. Em 1968 o peruano Augusto Salazar-Bondy publica o livro **Existe uma filosofia da nossa América**, no qual afirma que não existe uma filosofia propriamente latino-americana. A esta proposta, o mexicano Leopoldo Zea contesta com o livro **A filosofia americana como filosofia sem mais** (1969) sustentando a existência de uma filosofia latino-americana.

Posteriormente, Na cidade de Córdoba, Argentina, durante o "II Congresso Nacional de Filosofía" em 1972, um grupo de filósofos apresentam a proposta da Filosofia da Libertação. Esta filosofia faz uma análise sobre os povos que desde o século XV sofrem com o colonialismo e o racismo, a elabora um pensamento filosófico crítico sobre esta realidade (DUSSEL; MENDIETA; BOHÓRQUEZ, 2009). Os pensadores da filosofia da libertação, argumentam que a construção da filosofia latino-americana deve ser uma contrapartida à dominação colonial, uma tarefa que corresponde ser desenvolvida. E para isto devem levar em conta que

---

<sup>6</sup> Na América espanhola, criollo designa os descendentes de espanhóis nascidos na América.

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional (HALL, 2006, p. 49).

Levar em conta a cultura local é importante, para poder valorizar sua origem tradições e em geral sua cultura, porque os seres humanos somos seres históricos que herdamos valores. E a língua nativa é de um valor incomensurável, tanto que a tradução degrada ou destrói a intensão da língua.

A proposta da filosofia latino-americana não pode ser um universalismo abstrato, que nos leva a uma visão global imperial/colonial, que exclui os outros. O universalismo abstrato epistêmico na tradição da filosofia ocidental moderna fortaleceu um racismo epistemológico. As propostas da filosofia latino-americana não podem partir de uma determinada etnia, considerada com capacidades inatas de fazer filosofia, com costumes que são civilizadas ao ser comparadas com outras diferentes, entendidas como bárbaras, porque assim alimentamos um racismo epistêmico (DUSSEL; MENDIETA; BOHÓRQUEZ, 2009).

Diante da realidade das diferentes populações latino-americanas, acreditamos que a filosofia da libertação proporcionará uma reflexão para ajudar a reverter a ordem injusta de dominação e colonização. Pensamos que, o espaço da sala de aula é um âmbito micropolítico, que pode ter ressonâncias macropolíticas. Daí a importância da sala de aula como o espaço onde se pode ensaiar e realizar uma nova ordem de alteridades e deve encorajar as experiências libertadoras, através da procura da informação, e de uma postura crítica orientada pelo professor.

Na sala de aula devem formar-se espíritos críticos e criativos, cientes da diversidade nacional e hábitos de conhecimento, que possam perceber que

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto: nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 50).

Só conhecendo nossa história, com toda a diversidade cultura que possuímos, podemos situarmos e desenvolver respeito por nós e pelos demais. Da ignorância nasce o preconceito, e temos que estar cientes que nossa unidade nacional se fortalece quando

conhecemos nossa diversidade, a respeitamos e aceitamos, e só assim poderemos crescer e evitar que nossos erros se repitam.

O aluno deve encontrar sua voz, sua identidade, que permita o questionamento do sistema sócio-político e econômico, junto com a mudança de atitude diante do mundo, o que constitui a práxis libertadora. Essa é a proposta da filosofia da libertação que tenta oportunizar ao aluno o papel de sujeito questionador e modificador do modelo dominador, discriminador e racista. O desafio está lançado, para lutar contra a colonização e o racismo e aceitar nossa diversidade, porque em uma nação

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? (HALL, 2006, p. 59).

Neste sentido, ao procurar nossa identidade nacional temos que reconhecer nossa diversidade cultural, étnica, social e permitir que todos os grupos cultural possam manifestar o melhor de cada um, em suas crenças e tradições, para que possamos fortalecer nossa identidade nacional, latino-americana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na modernidade, a razão que predominava era a razão calculadora que supostamente conduziria ao progresso da humanidade. E esta razão iluminista se manifestou repressiva, autoritária e preconceituosa, porque não conseguiu ser reflexiva nem teve tempo de chegar à consciência de si, como inicialmente foi a proposta iluminista.

O desenvolvimento da ciência manifesta-se na modernidade como um instrumento de dominação e utiliza uma racionalidade heterônoma, que controla. E o surgimento do capitalismo fez que as formas de dominação e controle cheguem a uma exploração extrema, que caracteriza a escravatura na modernidade. Os estudiosos frequentemente argumentam que o racismo é um fenômeno peculiarmente moderno porque depende de um conceito moderno de raça "biológica". O evolucionismo darwiniano, inspirado em Buffon, abriu o espaço conceitual para a importância da cultura na criação de uma ordem racial, uma ideia que tomou formas racistas.

As reivindicações igualitárias das democracias liberais necessitavam de novas e modernas justificativas para a desigualdade, para desenvolver sua dominação econômica. O comércio de escravos e o estabelecimento de sociedades escravocratas no Novo Mundo, faziam uso de práticas discriminatórias e a exploração necessitava uma legitimação. A ideia de uma hierarquia racial serviu a esse propósito.

A leitura de filósofos que escrevem preconceituosamente sobre povos e etnias, nos levaram a fazer uma análise das razões pelas quais o racismo ainda faz parte do senso comum, presente em nossa sociedade. E a pesar que, a origem do racismo possa ter sido econômica, atualmente está disperso graças aos preconceitos divulgados desde a modernidade. E estes fazem parte da cultura popular e surge, muitas vezes, como um tabu no mundo acadêmico.

Como latino-americanos e membros do “novo mundo” temos que ter presente na assimilação da cultura ocidental, infelizmente, o preconceito cultural ocidental do eurocentrismo existente. E é necessário compreender a limitação dos filósofos modernos, observando que os conceitos não estão isentos da limitação e finitude da condição humana e os interesses econômicos.

Os movimentos racistas procuram fundamentar suas ideologias partidárias (interesses pela supremacia branca) com ideias de filósofos, frente a estes movimentos políticos temos que rejeitar e contestar, sermos intolerantes diante desta violência.

Mas, assim como na modernidade fortaleceu-se o racismo, também nela surgiram os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. E mesmo com um duro e difícil começo da Declaração dos Direitos Humanos, temos o desafio de rever a história e tentar correger os erros cometidos. Todos somos responsáveis por fortalecer em nossa cultura os valores de respeito à dignidade humana, manifestos nos Direitos Humanos.

E a tarefa que cabe a nós, como professores latino-americanos, é permitir a reflexão crítica por parte dos alunos, frente ao sistema eurocêntrico e colonizador (neocolonizador). Essa postura teórica deve levar a uma mudança de atitude consciente, a uma práxis libertadora. E, desta maneira, responder ao desafio de mudar de atitude frente ao preconceito racista, para que deixe de ser visto de forma superficial e banal, para que possa ser mostrada a gravidade do crime que é o racismo. Se queremos lutar contra o racismo devemos conhecer sua origem, trajetória e de maneira consciente mudar nossa cultura.

A única forma de reconhecer nossa identidade latino-americana é conhecendo a sua diversidade. Ao reconhecer nossa realidade, podemos respeitar e crescer, a ignorância só nos faz afastarmos de nossa condição real.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DUSSEL, Enrique; MENDIETA, Eduardo; BOHÓRQUEZ, Carmen. **El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y “latino” (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos**. México: Editora Siglo XXI, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

MARIATEGUI, José Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

MENDES, Candido (org.). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

NÁJERA, Verónica Renata López (coord.). **De lo poscolonial a la descolonización. genealogías latino-americanas**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018.

SANTOS, Boaventura De Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial**. Volume I. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Educación popular**. ed.1. La Plata: UNIPE: Editorial Universitaria, 2011.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.